

**TRAÇANDO OS CAMINHOS DA
PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
UMA REFLEXÃO SOBRE O II EPEA**

Maria Rita Avanzi¹
Rosana Louro Ferreira Silva²

RESUMO: O presente artigo tem como propósito pensar sobre as discussões, produção e trocas ocorridas durante o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA) ocorrido na Universidade Federal de São Carlos, em 2003. Fazendo um levantamento das Conferências, mesas redondas, trabalhos apresentados, grupo de trabalho e conversas nas entrelinhas dos encontros, o texto configura-se como um relato crítico que pode ser captado pela participação ativa das autoras no referido Encontro. Frente a esta análise a conclusão informa que a Educação Ambiental vem se consolidando via o esforço de pesquisadores na área.

PALAVRA-CHAVE: Pesquisa – Educação ambiental.

ABSTRACT: The current article has as its objective to think about the debates, production and exchanges occurred during the Research Meeting and Environmental Education (EPEA) that took place in the Federal University of São Carlos, in 2003. Making a survey of the Conferences, debates, presented works, work group and conversations during the meeting, the text is a critical report that can be picked-up by the active participation of the authors in the aforesaid Meeting. After analyzing it the conclusion informs that the Environmental Education is being consolidated by the effort of researchers.

KEY-WORD: Research – Environmental education.

¹ Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo.

² Mestre em Ecologia e Doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo. Email: rosanalfs@hotmail.com

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.” Paulo Freire

Introdução

O propósito deste artigo é partilhar um pensar em voz alta a respeito das discussões, produções e trocas ocorridas durante o Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental (EPEA) que, nesta sua segunda versão, ocorreu na Universidade Federal de São Carlos, no período de 27 a 30 de julho de 2003, sob a temática central “abordagens epistemológicas e metodológicas”. O olhar que lançamos é um olhar de quem observa de dentro, na condição de participantes deste encontro de pesquisa.

Portanto, o texto que apresentamos aos leitores e leitoras configura-se mais como um relato crítico do que pudemos captar em nossa participação ativa nos momentos que compuseram estes quatro dias de trabalho. Este horizonte de onde olhamos foi se construindo seja na platéia das conferências e mesas redondas, nos trabalhos que assistimos ou apresentamos, nas atividades junto aos grupos de trabalho, nas questões que nos mobilizavam ao debate nestes espaços oficiais do encontro e também nas entrelinhas, na riqueza das conversas nos cafezinhos e nas trocas com outros participantes.

A importância das Universidades “abrirem espaço” para a educação ambiental já foi destacada em vários documentos. O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, assinado durante a RIO 92, enfatiza, na diretriz 19 do Plano de Ação, a importância de mobilizar as instituições de educação superior para o ensino, pesquisa e extensão em educação ambiental. O Capítulo 36 da Agenda 21 também destaca o papel relevante da Universidade na promoção de pesquisa e de uma educação comprometida com a sustentabilidade do ambiente.

Em 1997, foi realizada em Thessaloniki a Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, promovida pela UNESCO e pelo governo da Grécia. A declaração da conferência reforça, entre outros aspectos, a necessidade da formação de professores e destaca a importância da educação superior:

Entretanto, a educação superior deve cumprir um papel indispensável. Assim sucede no âmbito da pesquisa e da capacitação de especialistas e de líderes, em todos os campos. [...] As universidades podem cumprir também papel-chave na cooperação internacional e podiam fazê-lo de forma mais eficaz se estivessem plenamente conscientes das necessidades dos cientistas e dos especialistas em ciências sociais dos países em desenvolvimento, em especial, no que se refere às pesquisas interdisciplinares de questões ambientais e de desenvolvimento. (UNESCO, 1999, p. 59).

Em alguns eventos científicos já se tentou discutir a importância do tratamento das questões ambientais no ensino superior. Em 1986, a SEMA (Secretaria Especial do Meio Ambiente) organizou em Brasília o primeiro de uma série de seminários “Universidade e Meio Ambiente” e a partir daí foram realizados vários encontros sobre o tema (1986, 1987, 1988 e 1990). Especificamente no Estado de São Paulo foi realizado, em 1988, o I Simpósio Estadual sobre Meio Ambiente e Educação Universitária, organizado pela Coordenadoria de Educação Ambiental da Secretaria do Meio Ambiente. Tal evento teve continuidade em 1989, com a realização do II Simpósio. Em 1990, foi realizado o III Simpósio sobre Universidade e Meio Ambiente, enfocando, entre outros temas, “A Universidade e a Formação de Recursos Humanos para a Gestão do Meio Ambiente” e “Políticas de Financiamento para o Ensino e a Pesquisa na Área de Meio Ambiente”.

Na última década também presenciamos uma série de eventos relacionados à educação ambiental como, por exemplo, os fóruns de educação ambiental, conferências nacionais, teleconferências, entre outros. Especificamente em São Paulo foi promovido, dias antes do II EPEA, o II Encontro Estadual de Educação Ambiental, que teve como um dos principais objetivos fortalecer a Rede Paulista de Educação Ambiental.

Qual seria, então, a diferença do EPEA – Encontro de Pesquisas em Educação Ambiental - desses outros eventos?

Primeiramente, ele foi concebido por um grupo de **professores** de universidades públicas paulistas e não por órgãos governamentais, ONGs, ou dirigentes de instituições. Outro diferencial que consideramos importante é a proposta do encontro, ou seja, “o primeiro encontro, no país, com o objetivo de refletir, especificamente, sobre a produção da pesquisa voltada para a Educação Ambiental.” (Carvalho et. al., 2001).

Na 2^a circular de divulgação do evento foi apresentado um detalhamento dos objetivos a que se propunha o II EPEA: “identificar e analisar as tendências e perspectivas da produção científica sobre Educação Ambiental (EA); criar espaços de apresentação e debate de relatos de pesquisa em EA; dar continuidade ao levantamento do estado da arte da pesquisa em EA no país e suas perspectivas, iniciado no I EPEA, realizado em Rio Claro, em Julho de 2001; identificar possibilidades teórico-metodológicas significativas para as pesquisas relacionadas com a EA, bem como as prioridades que possam orientar os esforços e investimentos na área.”

O Encontro reuniu nomes consagrados na pesquisa em educação ambiental e pesquisadores iniciantes na área.

Os espaços oficiais do encontro

- Conferências e Mesas Redondas**

As conferências e mesas redondas estiveram organizadas em torno do propósito de oferecer subsídios teórico-metodológicos para a consolidação da EA como uma área de pesquisa, estando afinadas, portanto, com a própria temática do evento.

Nas contribuições trazidas pelas conferências, pudemos acompanhar um debate que partiu de uma reflexão filosófica a respeito da crise da razão. Hilton Japiassú³, na conferência de abertura, fez esta retomada da história do pensamento ocidental desde o nascimento da ciência moderna, passando a refletir sobre as configurações que ganha o uso da razão contemporaneamente, desde uma postura racionalizadora em que se legitimam posições ideológicas e instrumentos de poder, até um sem número de proposições iracionais.

As demais contribuições das conferências trouxeram um perfil metodológico nas duas sessões seguintes. Na primeira delas, Marli André⁴ desenvolveu suas reflexões em torno de três eixos: 1) Epistemológico: procurando refletir sobre o que caracteriza uma pesquisa científica e as relações entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento. 2) Qualidade da pesquisa: em que indagou a respeito dos critérios que são utilizados para se definir uma boa pesquisa em educação e de quem participa da definição destes critérios. 3) Metodológico: apresentando alguns dos procedimentos mais utilizados ao se desenvolver uma pesquisa em educação, destacando a pesquisa etnográfica (André, 1995) e a pesquisa-ação.

Sobre esta última, seu foco voltou-se, predominantemente, para trabalhos que se referem ao professor-pesquisador, sem desconsiderar outras vertentes da pesquisa-ação. Apresentou um ponto de vista, fundamentado em autores que trabalham com esta metodologia, em que destacou algumas questões a serem consideradas quando de seu desenvolvimento: “Qual foi o conhecimento gerado?”, “O que é ação e o que é pesquisa?”, “Que relevância tem a ação?”, “Para quem é relevante?”, “Quais impactos teve na prática do pesquisador?”. Suas colocações trouxeram importantes provocações a respeito do tema, procurando justamente apresentar de maneira crítica as tendências e critérios que definem a pesquisa na área educacional.

A segunda conferência que focou este viés metodológico trouxe uma abordagem para a pesquisa em EA com enfoque na pesquisa participativa. Ian Robottom⁵ partiu de projetos que desenvolveu na Escócia e na África do Sul para apresentar esta metodologia de pesquisa em que os participantes envolvem-se com o diagnóstico e discussão a respeito de sua própria realidade, destacando que este processo é envolvido por conflitos sócio-políticos. A contribuição interessante desta conferência foi permitir acessar uma pesquisa realizada numa outra realidade histórico-cultural, mas que apresenta pontos de consonância com uma prática de pesquisa com viés participativo que vem sendo utilizada por educadores e educadoras na América Latina desde a década de 60. (Brandão, 1981; Viezzer; Ovales, 1995).

As duas mesas redondas ocorridas neste II EPEA tiveram focos diferentes, ambos afinados com o propósito do encontro uma vez que trataram, respectivamente, das tendências da pesquisa em

³ Conferência de Abertura: A crise da razão e a revanche do irracional, proferida por Hilton Japiassú, da UFRJ.

⁴ Conferência: Pesquisa educacional: questão de teoria e método, proferida por Marli Eliza D. A. André, da PUC-SP.

⁵ Conferência: Participatory research in environmental education: some issues of methodology, proferida por Ian Robottom, Deakin University, Austrália.

EA e dos fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa. As tendências da pesquisa em EA apresentadas foram resultado de um estudo desenvolvido a partir dos trabalhos apresentados no I EPEA⁶. A abordagem dos organizadores do encontro, que foram responsáveis por este estudo, deu-se em três perspectivas: a) perfil do participante do I EPEA; b) concepções de educação e de EA presentes nos trabalhos; c) aspectos metodológicos. Este estudo preliminar contribui com as discussões a respeito do estado da arte da pesquisa EA, podendo dar alguns contornos a respeito deste campo em formação.

A mesa redonda que tratou dos fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em EA foi um dos pontos altos do encontro⁷. As debatedoras apresentaram contribuições muito ricas, trazendo abordagens epistemológicas diferenciadas, e nalguns pontos contrastantes, como possibilidades de caminhos para a EA.

Maria Inês C. Levy esteve apresentando características de uma concepção de EA, afinada com a proposta de ambientalização do currículo, de capacitação para a ação e de formação de comunidades de aprendizagem, a partir de um enfoque de pesquisadores e educadores latino-americanos como Sanmartí e Rosa Maria Pujol.

Teresinha Fróes Burnham, no diálogo com autores como Beck, Lash, Giddens, Castels, Offe, partiu de uma conceituação do que representa ser cidadão no mundo contemporâneo e dos possíveis estados de participação, para desenvolver as formas de produção de saberes sob a perspectiva da pesquisa multirreferencial. Esta abordagem busca trabalhar a apreensão da realidade por ópticas e sistemas de referências múltiplos, dentre os quais se incluem o sagrado, o mítico, o simbólico, o artístico. Questiona, portanto, o modelo hegemônico de produção de conhecimento fundado na ciência moderna. Em diálogo com pesquisadores franceses como René Barbier, J. Ardoino, a pesquisa multirreferencial vem crescendo no Brasil. (Barbosa, 1998a; 1998b).

Eda Tassara iniciou com uma provocação, a de que a expressão “educação ambiental” seria um pleonasmo. Considerando a política ambiental a partir de uma conceituação proposta por Milton Santos, a de organização humana no espaço total, argumenta não ser possível separar cultura, técnica e ambiente o que, portanto, coloca a não possibilidade de uma educação que não seja ambiental. Pensar formas eficazes e eficientes no processo desta organização humana no espaço, coloca-nos frente a um ambiente que existe objetivamente, mas que se constrói subjetivamente. Assim, o ponto nodal da EA, na perspectiva por ela apresentada, seria o desenvolvimento de conhecimentos que operem sobre esta relação entre o ambiente objetivo e a subjetividade. (Tassara, 1992; 1995).

⁶ Mesa redonda: Tendências e perspectivas da pesquisa em EA: o que nos revelam os trabalhos apresentados no I EPEA. Debatedoras: Denise de Freitas e Haydeé Torres de Oliveira, da UFSCar; Luís Marcelo de Carvalho, Luiz Carlos Santana e Rosa M. F. Cavalcanti, da UNESP-Rio Claro; Clarice Sumi Kawasaki e Mauricio dos Santos Matos, da USP – Ribeirão Preto.

⁷ Mesa redonda: Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em EA: a articulação necessária. Debatedoras: Maria Inês Copello Levy, da FURG; Teresinha Fróes Burnham, da UFBa e Eda Teresinha Tassara, da USP.

- **Trabalhos apresentados**

De acordo com Sato & Santos (2001, p.31),

a introdução da EA nos níveis superiores nos obriga a repensar nosso próprio papel dentro da sociedade. É preciso compreender a academia dentro de um grande laboratório de convivência, que possa gerar condições concretas ao contexto regional, sem perder a dimensão mais complexa do pensamento.

Na nossa visão, o II EPEA conseguiu fazer essa interação principalmente quando analisamos os trabalhos apresentados.

Foram apresentados 72 trabalhos, que foram selecionados dentre os 142 inscritos. Iniciando pela instituição da qual fazem parte os pesquisadores que apresentaram trabalhos, verificamos uma predominância quase total de universidades públicas. Temos apenas 9 trabalhos que foram desenvolvidos em instituições privadas de ensino superior (8 de Universidades e 1 de faculdade). Além desses, temos alguns trabalhos de Organizações Não-Governamentais, Fundação, Zoológico e Jardim Botânico.

Com base na análise dos resumos apresentados podemos verificar que, quanto ao objeto/locus da pesquisa, temos uma predominância de escolas do ensino fundamental e médio e formação de professores, seguida por cursos de graduação e pós-graduação. Também foram apresentados trabalhos dentro de uma grande variedade de temas como, por exemplo: curso de extensão na WEB, unidades de conservação, assentamento rural, Jardim Botânico, Zoológico, museus, crianças da COHAB, formadores de opinião, comunidade de bairro, ecoturismo, programa de TV, centro de convivência infantil, clube da 3^a idade, população ribeirinha, parques urbanos, entre outros.

Em relação à metodologia, foi possível verificar claramente que a pesquisa qualitativa se consolidou como característica da área. Dentre essas metodologias, a pesquisa-ação é bastante freqüente nos trabalhos, o que consideramos um aspecto muito significativo, concordando com Santos & Sato (2001, p.47) que destacam que “no contexto da realidade latino americana, não há dúvidas de que a universidade tem uma função significativa, não somente no sentido da crítica, como também na produção de conhecimentos que contribuem ao processo de transformação das ações humanas com o seu meio.”

Cabe destacar aqui, que os artigos que se configuraram como relatos de experiências, segundo critérios estabelecidos pela organização do evento, não são aprovados para a apresentação no Encontro, o que significa que os trabalhos de intervenção que foram aprovados apresentam as características de uma pesquisa científica.

Os instrumentos de coleta de dados mais freqüentes são a entrevista e o questionário, embora haja também trabalhos que utilizaram outros instrumentos como desenhos, grupo focal, depoimentos coletivos, entre outros. Quanto à interpretação dos dados, a metodologia de análise de conteúdo parece ser a mais

freqüente, sendo que outros referenciais também foram utilizados como, por exemplo, a análise de representações sociais.

Um aspecto a ser destacado como peculiaridade deste evento foi a forma como os trabalhos foram organizados para apresentação. As sessões eram constituídas por apenas dois trabalhos, alongando o tempo para apresentação e discussão dos mesmos, abrindo a possibilidade de um maior aprofundamento.

- **Grupos de trabalho**

Reconhecer a identidade, ou as identidades, dos educadores e educadoras ambientais e pensar caminhos para o fortalecimento da área foram os propósitos que moveram as atividades dos cinco grupos de trabalho (GTs) que estiveram se reunindo durante este II EPEA.

As reflexões em torno da(s) identidade(s) foram orientadas por questões a respeito das características que definem o campo de pesquisa em EA. Haveria um estatuto próprio de conhecimento, metodologias próprias da área? Quais são os referenciais teóricos? Qual é o perfil do/a pesquisador/pesquisadora desta área? Quais são as principais dificuldades encontradas no plano teórico-metodológico? Quais os espaços existentes para consolidação da área?

Os trabalhos dos GTs se iniciaram logo na primeira manhã do encontro. Desde as primeiras falas era possível notar a heterogeneidade da área, falávamos sobre um mesmo campo trilhando os mais diversos caminhos metodológicos, bebendo dos mais diversos referenciais teóricos e compreendendo que as prioridades são ora tais ora outras em cada ponto de vista expressado.

Estes diferentes pontos de vista em diálogo foram enriquecendo e incrementando os muitos questionamentos que moveram as discussões, iniciadas naquela manhã e que tiveram continuidade ao final da tarde do terceiro dia do EPEA, sendo partilhadas entre todos os grupos na plenária final. Alguns esboços foram traçados a partir das apresentações e parte do que foi discutido é apresentado a seguir, sem a ilusão de que se possa dar conta da riqueza do que foi produzido pelos grupos.

- O próprio fato do campo da pesquisa em EA estar ainda em consolidação e situar-se numa área de interfaces foi compreendido como uma dificuldade a mais no momento de se fazer os recortes de referencial teórico e de metodologia que uma pesquisa requer. Foi destacada a importância da criação de grupos de pesquisa para fortalecer os trabalhos neste campo em formação.
- A íntima relação entre pesquisa e ação em EA foi destacada mais de uma vez e vários grupos entenderam que esta pesquisa deve estar comprometida com a transformação social. No caso, tanto pesquisa e ação podem ser mais bem desenvolvidas ao se ter clareza sobre os objetivos que regem cada uma delas.
- Recebeu destaque também a constituição de novos bancos de dados e a alimentação e divulgação dos já existentes, bem como a utilização de periódicos da área para se obter

- mações sobre as tendências de pesquisa em EA e para contribuir com a elaboração e efetivação de políticas públicas.
- Para fortalecimento da área foi indicada a importância de utilizar e divulgar as redes regionais e a rede brasileira de EA (REBEA), a Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental (RUPEA) e o Grupo de Estudos de EA (GE 22), recém formado e que já está acontecendo nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)⁸.

Entrelinhas – encontros, desencontros, reencontros ...

Nas entrelinhas de um Encontro amplifica-se seu propósito de ser um espaço de troca e produção de conhecimentos. Ao partilharmos um sorriso, sorver um gole de algo nos coquetéis, cafezinhos, mesa do almoço ou de um bar, ao segurarmos na mão do outro para uma dança circular, uma ciranda ou ao nos afinarmos em seu passo ao ritmo de um samba ou rock and roll, ao participarmos das reuniões paralelas de redes e grupos de estudo, muito estamos a construir do conhecimento que vem consolidando nosso campo de atuação.

São espaços de reencontro com aqueles e aquelas com quem tivemos oportunidade de, noutro momento, trocar reflexões, trabalhos e experiências na área da EA. Momentos de novos encontros, de nos atualizarmos sobre contatos, informes e trabalhos que não constam da programação oficial. Também momento de conhecermos e darmos vida a alguns e algumas que para nós só existiam como referências bibliográficas ou institucionais.

Mora ali também, na efervescência daquele burburinho, uma riqueza de impressões, comentários e digestão do que foi abordado numa palestra, mesa-redonda ou sessão de trabalho. A produção continua nas entrelinhas do evento, é mais uma possibilidade, além dos debates no espaço oficializado, de não sermos simplesmente receptores e receptoras do que nos é apresentado. Cruzam-se perspectivas e interpretações que ora se encontram ora se confrontam, que não se oficializam mas são parte essencial para o sucesso do Encontro que está em foco.

Assim, as entrelinhas do II EPEA deram também o tom do evento, sendo marcadas por bons momentos de troca e aprofundamento. Foi ali, entre um e outro cafezinho, que nós tivemos a oportunidade de nos encontrarmos pela primeira vez e saber que fazíamos parte de outros grupos de trabalho em comum, sem sequer nos conhecermos. Deste bom encontro, foi gestado o texto que ora apresentamos.

⁸ A última reunião ocorreu em Poços de Caldas (MG), de 5 a 8 de outubro de 2003, onde foram apresentados 12 trabalhos no GE22, além de outras atividades desenvolvidas.

Considerações finais

Para escrever este artigo precisamos ler com calma todo o material do II EPEA bem como as anotações feitas por nós no período do Encontro, prestando atenção nos detalhes e relembrando os momentos vividos. Ao fazer este “exercício” foi possível perceber o quanto os EPEAs estão contribu

indo para a nossa formação como educadores e educadoras, pesquisadores e pesquisadoras em educação ambiental, tanto nas questões teóricas e metodológicas como, também, na troca de experiências e formação de laços de pesquisa e amizade.

As observações aqui colocadas consistem apenas em sugestões nossas para contribuir com a boa qualidade que vêm tendo os EPEAs:

- entendemos ser necessário detalhar com mais clareza quais são os critérios para que um trabalho seja considerado pesquisa ou relato de experiência, pois tem sido uma reclamação freqüente de que muitos trabalhos não são aprovados. Dada a riqueza do que foi discutido e produzido neste EPEA, cujo foco era justamente “abordagens metodológicas e epistemológicas” da pesquisa em EA, seria importante rever estes critérios e torná-los acessíveis a participantes dos próximos encontros. Para compor este critérios valeria considerar também os resultados dos debates nos GTs, que trataram dos contornos que ganham a pesquisa em EA. Com isso talvez possamos nos aproximar de uma horizontalidade na relação entre quem desenvolve as pesquisas e quem as seleciona.
- com base na instituição origem dos pesquisadores que apresentaram trabalhos, entendemos que seria importante aumentar a divulgação para as instituições particulares de ensino superior. Segundo o Cadastro das Instituições de Educação Superior (www.educacaosuperior.inep.gov.br, consultado em 25/08/2003), temos atualmente 477 instituições privadas de ensino superior no Estado de São Paulo. Não desconsiderando o fato de que a maioria dessas instituições fica centrada no ensino, é possível que algumas delas desenvolvam atividades de pesquisa em EA que poderiam ser socializadas em encontros como este;
- sendo que a pesquisa-ação foi identificada neste primeiro olhar como bastante freqüente dentre as metodologias e considerando que esta tem histórico marcante ligado a movimentos sociais (Brandão, 1981; Costa, 1994), ocorrem-nos alguns questionamentos. Por que aparecem prioritariamente universidades como responsáveis pelas pesquisas desenvolvidas no EPEA? Onde estão as ONGs e movimentos sociais? Estaria a pesquisa em EA realmente restrita ao meio acadêmico? Uma possibilidade que levantamos é que talvez a coincidência com Encontro Estadual de EA, organizado pela Rede Paulista de EA e ocorrido em Rio Claro dias antes, tenha dirigido o interesse dessas organizações, que estiveram presentes em grande quantidade naquele encontro do qual também participamos. De qualquer modo, consideramos que o EPEA é um espaço a ser ocupado também por estes atores da pesquisa em EA e entendemos que sua pequena expressão no encontro ocorrido na UFSCar é um ponto que merece uma reflexão.

A pesquisa em Educação Ambiental vem se consolidando graças ao esforço de um grupo de pesquisadores da área, e conquistando o merecido respeito da comunidade acadêmica. O reconhecimento da importância de um evento como o EPEA, que integra a participação de três das principais universidades públicas paulistas (USP, UNESP e UFSCar) e, concomitantemente, a criação do grupo de estudos em Educação Ambiental (GE 22) na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) vêm confirmar esse fato.

REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 9.ed. Campinas: Papirus, 1995.
- BARBOSA, J. G. (coord.). **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: UFSCar, 1998a.
- _____. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: UFSCar, 1998b.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CARVALHO, L. M. et. al. (org.). Pesquisas em educação ambiental: tendências e perspectivas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2001. **Caderno de Resumos**. Rio Claro, 2001.
- COSTA, M. V. Pesquisa-ação e hermenêutica: interpretando a tradição em educação popular. **Educação e Realidade**, v.19, n.2, p.35-46, jul.dez. 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, H. T. et. al. (org.). Pesquisas em educação ambiental: abordagens epistemológicas e metodológicas. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2, 2003. **Caderno de Resumos**. São Carlos, 2003.
- SANTOS, J. E.; SATO, M. Universidade e ambientalismo - encontros não são despedidas. In: _____. **A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora**. São Carlos: RIMA, 2001. p.31 - 49.
- TASSARA, E. T. O. Educação Ambiental: Conhecimento e política no contexto da crise Ambiental. In: SORRENTINO, Marcos; TRAJBER, Raquel; BRAGA, Tania. FÓRUM DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 3, 1995. **Cadernos**. São Paulo: Gaia, 1995.
- TASSARA, R.T.O. A propagação do discurso ambientalista e a produção estratégica da dominação. **Espaço e debates**, n.35, 1992.
- UNESCO. Educação para um futuro sustentável: uma visão transdisciplinar para ações compartilhadas. CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE. Brasília: Ed. Ibama. 1999.
- VIEZZER, M.; OVALES, O. **Manual latino-americano de educação ambiental**. São Paulo: Gaia, 1995.